

EDITORIAL

Escolheu-se, para este número de *Estudos Bíblicos*, o tema das migrações e o título “Iahweh ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa” (Dt 10,18), com acento nos refugiados, pela relevância atual do fenômeno. Fenômeno que não é novo, mas acentua-se a partir da Segunda Guerra Mundial e chega ao paroxismo em nossos dias.

O Brasil e o Rio Grande do Sul não são campeões, mas chamam a atenção em nossas cidades – pelo menos as maiores –, senegaleses e haitianos. No Norte são venezuelanos e outros, como se sabe.

Muito maior é o fenômeno na Europa, com sírios, africanos, migrantes dos Balcãs, indianos, chineses e outros. O próprio Papa Francisco visitou a ilha italiana de Lampedusa e jogou no mar Mediterrâneo, cemitério de tantos africanos, uma coroa de flores, bem como na ilha grega de Lesbos, para chamar a atenção dos responsáveis pelos destinos desses milhares de refugiados. Mais chama a atenção a situação nos Estados Unidos com o novo presidente Trump. A tal ponto é a expressão do fenômeno que, na globalidade, é o tema da última e póstuma obra de Zygmunt Bauman, *Estranhos à nossa porta*.

Pedro Kramer abre este número com o título de seu texto e tema da revista: “Iahweh ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa” (Dt 10,18). Mostra que o amor de Deus pelo estrangeiro é único no livro do Deuteronômio e incomum no Antigo Testamento (Dt 10,16-19). Do estrangeiro, defende no terceiro mandamento do decálogo, prescrevendo que o estrangeiro deve repousar no sábado como qualquer israelita (Dt 5,12-15). Nas leis complementares, que atualizam e concretizam este princípio orientador e norteador do decálogo, encontram-se sete leis que são um verdadeiro conjunto de prescrições de promoção e assistência social do estrangeiro (Dt 12–26; cf. Dt 14,29; 16,11.14; 24,17.19.20.21; 26,11.12-15). A proteção ao estrangeiro vem incluída na profissão de fé do israelita (26,14). Deste modo ele não figura entre os grupos sociais pobres da sociedade israelita nos séculos VII e VI a.C. Estas leis são inéditas se forem comparadas com as leis dos códigos legais do antigo Oriente Médio, que servem de inspiração aos códigos legislativos modernos. O amor de Deus e dos israelitas pelo estrangeiro inauguram a sociedade nova e alternativa de igualdade e solidariedade, sem empobrecidos e excluídos.

Jair Carlessso – em “Nos salgueiros penduramos nossas harpas” (Sl 137,2): o exílio babilônico” – acentua a magnitude e complexidade das migrações, em seu desamparo, insegurança, contrariedade e criminalização em muitos países. Assinala e expõe que a Bíblia registra movimentos migratórios já nas primeiras páginas, desde os primórdios da história de Israel. Israel foi migrante em toda sua existência, por diversos motivos.

O exílio babilônico foi um dos acontecimentos mais marcantes da história de Israel, a ponto de ser considerado um marco divisor de águas.

Israel respeitava os estrangeiros e lhes assegurava direitos. Com as reformas de Ezequias e Josias, gradualmente surge um processo de rejeição do estrangeiro, no que o Exílio foi um acontecimento fundamental.

No Exílio Babilônico, a condição dos israelitas era variável. Ez 37,1-14 e o Sl 137 aludem a condições adversas. Os principais referenciais que lhes davam identidade tinham sido destruídos. Buscam a identidade na sinagoga no lugar do Templo destruído, na circuncisão e no livro. A partir destas condições, o pós-exílio caracterizou-se como um período de fechamento de Israel em sua própria Lei. A compreensão de que eram “um povo consagrado a Javé” (Dt 6,6; 14,2) foi separando-os dos outros povos, considerados impuros e com os quais deviam evitar relações (Dt 7,3-4; Esd 9,12; 10,10-11). Assim, em vez de ser “luz às nações” e levar “a salvação” de Deus a “todos os povos” (Is 42,6; 49,6), por razões diversas, Israel foi se fechando em si mesmo e abandonando a missão fundamental pela qual Deus o havia chamado desde suas origens.

Humberto Maiztegui Gonçalves apresenta um estudo exegético do capítulo 44 do Livro do Profeta Jeremias, à luz da realidade das pessoas refugiadas, traçando um paralelo entre o diálogo/debate deste profeta com a comunidade e, em especial, com as mulheres judaítas refugiadas no Egito no século VI a.C. As mulheres sempre foram aquelas para quem a religião oficial – do “Deus-único-masculino” – não bastava. Culpar as mulheres pelo desvio dos governantes é o principal argumento da obra historiográfica deuteronomística para justificar os “desvios” do rei Salomão (1Rs 11,7-9). No entanto, por primeira e única vez, ouvimos a voz das mulheres, agora refugiadas no Egito. Longe da sua terra, aonde não mais poderiam voltar sem correr risco de morte, defendem sua liberdade e manifestam sua tradição religiosa e o seu ponto de vista sobre o destino de seu povo. Neste estudo se analisam as vozes participantes no processo, tentando descobrir qual é a situação sofrida pelas pessoas refugiadas e quais os desafios que enfrentam diante de uma série de acusações e ameaças apresentadas na fala do profeta. Busca-se como chave de desconstrução a presença de Baruc como redator do texto e sua intencionalidade implícita como observador respeitoso das outras partes envolvidas. A desconstrução, ontem e hoje, permite ouvir de uma forma mais qualificada a voz das mulheres refugiadas e, através delas, entender as dificuldades que temos de ouvir a voz de pessoas refugiadas, especialmente

daquelas cujas características estão mais distantes do senso comum cultural, étnico, religioso ou político da comunidade onde essas pessoas se encontram.

Romano Dellazari em “Os Macabeus” apresenta um estudo histórico em que aborda o período dos macabeus até o dos asmoneus, sua mudança de finalidade (liberdade), de identidade (poder político para poder político-econômico-religioso), e, finalmente, sua queda sob o poder de Roma, após um período de liberdade. Em detalhe, descreve as lutas com ptolomeus, selêucidas e embates internos entre os asmoneus, no contexto da repressão externa. As lutas internas seguem no período romano.

Flávio Josefo, ao referir-se ao período asmoneu e romano, diz que surgiram vários grupos ou “partidos” religiosos judaicos. Ele, no entanto, destaca três como os mais importantes: os fariseus, os saduceus e os essênios. Resumindo, pode-se dizer que os sucessores dos macabeus, isto é, os asmoneus, fizeram tudo aquilo pelo qual seus antecessores lutaram contra, em termos religiosos, políticos e culturais.

O texto de *Clemildo Anacleto da Silva* e *Sydney Farias da Silva* em “O estrangeiro e o Templo” tem por objetivo refletir a respeito da expressão “casa de oração para todos os povos” no texto de Mc 11,15-18, a partir da realidade do peregrino galileu, grandemente desprezado. Pretende mostrar também que o estrangeiro no contexto judaico deveria ser sempre bem-vindo, porém o sistema religioso tornou-se exclusivista; ao estrangeiro impunham-se condições e exigências que o mantinham fora do acolhimento no Templo. Jesus se posicionou contra essas barreiras, reclamando o caráter inclusivo e acolhedor para com o estrangeiro, defendendo um templo aberto a todas as nações.

Em nosso tempo, convivemos com uma realidade nova no que diz respeito ao estrangeiro, considerando que nos continentes asiático e africano estão sendo criadas, pelas guerras, condições adversas para a sobrevivência das pessoas mais pobres. Ainda nem superamos o preconceito sobre o estrangeiro negro; passamos a conviver com estrangeiros latino-americanos, asiáticos e até europeus, que percebem em nosso país a oportunidade de melhores condições de vida. Olhando a questão de modo mais amplo, temos, também entre nós, os estrangeiros nortistas, nortistas ou simplesmente interioranos que estão a caminho de uma terra prometida que esperam encontrar.

Flávio Martinez de Oliveira em “Jesus e os samaritanos: quem é meu próximo?” também expõe a questão atual dos estrangeiros e refugiados em sua urgência e gravidade, para, considerando a xenofobia da qual são vítimas, abordar a história das relações entre judeus e samaritanos. Neste contexto focaliza a relação de Jesus com os últimos em dois textos paradigmáticos: o diálogo com a Samaritana e a Parábola do Bom Samaritano. Assim, busca inspirações para os tempos que vivemos.

Flávio Schmitt em “Migração: Uma perspectiva a partir de Paulo” constata a perplexidade dos movimentos migratórios que se avolumam e exigem uma atenção cada vez maior dos mais diferentes setores da sociedade. Por outro lado, o fenômeno também se reveste de uma ocasião ímpar para expressar acolhida, hospitalidade, solidariedade e oportunidade.

O texto percorre a narrativa bíblica, especialmente o testemunho de Paulo, perscrutando implicações do movimento migratório na disseminação da fé cristã. O contexto é a era de Augusto, saudada como tempo de paz, mas de sangue e lágrimas.

Em cada viagem Paulo segue a mesma estratégia. Ao chegar a uma nova localidade, primeiro procura por uma sinagoga (At 13,5; 17,2; 19,8). A partir da sinagoga passa a estabelecer contato também com não judeus (At 13,16; 17,17). O fato de reiteradamente ser rejeitado por judeus e aceito por pagãos faz com que Paulo cada vez mais volte sua atenção aos últimos, pois estes o acolhem com alegria (At 13,46-48; 19,9-10).

O concílio ecumênico de Jerusalém revela o quanto o encontro de povos, raças, culturas e religiões pode ser desencadeador de conflitos a superar (At 15,2-4; Gl 2,1-2).

As barreiras superadas e os processos de humanização e acolhimento desencadeados no contexto das comunidades primitivas podem também servir de alerta e esperança no enfrentamento das questões migratórias que desafiam as sociedades de nosso tempo.

Flavio Martinez de Oliveira